

## MOMENTOS DE LEITURA

---

J. C. ALENCAR ARARIPE

### 1) UMA NOVELA DO FRAN

Afinal, que destino teve o bandido Dois de Ouros?

A novela de Fran Martins é como esses filmes que deixam uma interrogação na mente de quem a eles assiste. A gente fica sem saber qual o fecho da história, que se presta a mais de uma suposição.

Lancei-me com avidez ao livro, publicado em 66 pela Martins, de São Paulo, e reeditado pela Imprensa Universitária em 75.

Disse-me o Fran, ao entregar-me um exemplar:

— Aproveite-o para lembrar algo do Crato.

Ora, o voltar ao Crato é sempre uma alegria imensa. Há quanto tempo por lá não apareço, apesar de ser uma cidade com raízes em meu coração? Retornaria àquelas paragens, que me são tão familiares, ao menos nas asas da leitura.

E *Dois de Ouros* teve, para mim, antes de tudo, o condão de reavivar na memória nomes muito meus conhecidos: Rua da Vala, Barro Vermelho, Alto da Matança, Lameiro, Granjeiro, Buriti e Serra do Araripe. E a feira do Crato?

Por mais de uma vez, perdi-me na leitura. Embora os olhos presos às páginas, a imaginação se deixava povoar de imagens da meninice e da adolescência. E a saudade tumultuava tudo. Era preciso voltar um pouco para não perder o enredo.

A Rua da Vala, de onde saíram até cangaceiros, desemboca e se extingue quase em cima de uma casa onde morei na rua que começa na Cadeia Pública e demanda o Barro Vermelho, passando no lado do Ginásio do Crato.

Não fui contemporâneo dos endiabrados garotos da Rua da Vala. Talvez, nem mesmo o Fran, apesar de sua idade mais avançada. . . Mas vivi naqueles cenários, joguei futebol na areia, contemplei as enchentes do riacho, assisti a alguns sucessos policiais, fui a festas de São Francisco no Barro Vermelho, gastei muitos vinténs na bodega da esquina, em frente ao Ginásio, comprando balas de açúcar e de não sei o que mais.

Mas eu apreciei a novela não foi só porque se desenrolasse em ambiente do Crato e me evocasse nomes que conservo desde pequenino. Gostaria dela mesmo que se desenvolvesse em qualquer outra cidade ou vila.

Com *Dois de Ouros*, Fran Martins patenteia-se um novelista de altos méritos. Porque soube dar à narrativa a ardidura de um surpreendente *suspense*.

Dois de Ouros, que foi o Juvêncio da Rua da Vala, mata, em plena feira do Crato, um soldado da Polícia, que o reconheceu como temível bandoleiro, caçado pelas autoridades. Mata e foge. E foge pelo Barro Vermelho em busca das grutas da serra do Araripe.

Um cabo e dois soldados seguem-lhe no encalço. Houve o momento em que o fugitivo se considerou salvo. Os perseguidores, porém, aproximaram-se muito. Trava-se tiroteio, sem maiores conseqüências. Policiais e assassino procuram proteger-se nas depressões do terreno. O tempo corre e aumenta a impaciência de Dois de Ouros, que em determinado

instante salta desafiadoramente em um descampado e atira. Abriga-se, incontinenti, mas, entusiasmado por haver ferido um soldado e posto em fuga um outro, levanta-se e fica a descoberto. Foi a conta: uma bala atinge-o na caixa do peito.

O ferimento é grave. O sangue jorra sem parar. Tenta estancá-lo introduzindo um pedaço da camisa no orifício aberto pela bala. Não o consegue. Cobre, então, a ferida com os restos da camisa, cujas mangas são utilizadas para circundar o tórax. E lança-se novamente à fuga.

Tudo isso é descrito nas primeiras páginas. E o leitor logo se inquieta: com Dois de Ouros em estado tão precário, a morte à vista, de uma hora para outra, o que nos vai reservar a novela, se o personagem principal, que lhe deu o nome, está nas últimas?

Aí é que se revela o novelista. Primeiro, a agonia de Dois de Ouros. São páginas de viva dramaticidade. Para o bandido só há um meio de escapar aos policiais, que abandonaram a perseguição por algum tempo, em virtude do ferimento de um deles e da desabalada carreira de outro. Voltariam logo, em maior número e mais apetrechados, para a caçada. A salvação estava nas grotas da serra do Araripe. E para lá se larga: o sangue a jorrar, sente-se cada vez mais enfraquecido pela hemorragia. Recurvado ao extremo, tropeça aqui, cai acolá, desfalece, recobra os sentidos, arrasta-se, cobre-se de sangue e de folhas secas, espinhos dilaceram-lhe o corpo.

Enquanto se fica a conjecturar sobre o destino final do *facínora*, o novelista enfoca os fatos subsidiários, mas nem por isso despidos de atração. Como Dois de Ouros ingressou no cangaceirismo, as façanhas do bando a que pertenceu, as tricas da politicagem, os dramas do meretrício, a ação policial no combate ao cangaceirismo e que a este se equiparava, cu ultrapassava, a diligência realizada para captura do criminoso, a ansiedade que despertou na cidade, a frustração que se seguiu ao fracasso. E tudo focalizado de modo a estabelecer um círculo de curiosidade tal, que não se desvanece nem quando se vira a última página. É como em certos filmes.

Qual foi o fim de Dois de Ouros? Será que aqueles urubus, que o cabo Firmino avistou lá para as bandas das grutas, denunciavam o cadáver? Conduzindo o sargento em outra direção, longe de querer proteger Dois de Ouros, cujo fim de longe já lobrigara, não desejaria o cabo levar o seu desabusado comandante, com quem não afinava, ao insucesso e à desgraça?

Não tenho dúvidas: *Dois de Ouros* foi um tento de Fran Martins. E assinalado em alto estilo.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. MARTINS, Fran. **Dois de Ouros**.  
São Paulo, Martins, 1966.  
192 p.
- , —. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1975.  
192 p.

## 2) A POESIA DE JÁDER

Tenho diante de mim *Água da Fonte*. Na dedicatória, Jáder de Carvalho confessa-se “o leitor e amigo”. Sinto-me, naturalmente, lisonjeado. E, na minha santa ingenuidade, o que teria vontade de dizer-lhe é que, no caso, a recíproca é verdadeira.

Descobri o Jáder pouco depois que deixou a prisão do Estado Novo. A convite de Sarasate, passou a colaborar, diariamente, em *O Povo*.

Por dever de ofício, pois era revisor naquela época, tinha de ler a matéria a sair no jornal. Mas procurava desempenhar o meu trabalho sem constrangimento, tentando, através do cumprimento de meus encargos, aprender sempre um pouco mais, como de fato aprendi. A revisão é uma escola, para quem dela sabe aproveitar-se.

Mas, com o Jáder, eu o lia por obrigação e por prazer. Durante algum tempo, ele esteve, todos os dias, nas colunas d’*O Povo*. Era um prato delicioso. Que histórias interessantíssimas, contadas com sabor, originalidade, estilo leve e insinuante!

Quando, mais tarde, reapareceu em seu próprio jornal, conheci o Jáder panfletário. Veemente, satírico, irreverente. Não o perdia, todas as manhãs, mesmo divergindo, como era freqüente, das suas idéias.

Um dia, na redação, surpreendeu-me com uma atitude um tanto extemporânea. Não vale a pena detalhá-la. São, felizmente, águas passadas. E não movem mais o moinho. Ele próprio, anos depois, encarregou-se de desfazer o equívoco, ao estender-me a mão cavalheirescamente. O responsável indireto pelo fato foi o Eduardo Campos. Fez dos diretores de jornal juízes em um concurso para Miss Ceará. E, em meio a tantas belezas, falou a alma do poeta, que ainda hoje, de cabelos brancos, a ver, como diz, sombras e ocasos.

— “É a cantiga do amor que se despede. . .

São as saudades sacudindo as asas. . .”

engalana-se todo, com o melhor da sua inspiração, para cantar o amor de Laura.

Alegre-me com o seu gesto. Porque o Jáder não é pessoa que a gente tenha como desafeto. Como diz o João Jacques, gosta de vestir-se à ouriço. No cotidiano, não esconde as delicadezas do coração.

*Sua Majestade o Juiz e Aldeota*. Não é desses romances, nem de livros anteriores, porém, que desejo falar. *O Tempo é de Poesia*. Aí está *Água da Fonte*.

A dúvida assalta Jáder de Carvalho, logo à primeira página: a sua poesia morrerá como a fonte humilde e anônima.

“ou rasgará o leito nas planícies  
rebetando em cascatas incendiadas pelo sol,  
ressoando em cachoeiras que a lua não doma  
e as estrelas não enternecem?”

Tenho para mim que no poeta autêntico o verso não é apenas aquela fonte que se transforma em rio e se precipita em potentes catadupas. É também o filete quase imperceptível que em alguns momentos aumenta de volume e vira riacho, mas que nunca se inquieta, nunca amedronta, sempre calmo, tranqüilo.

Nem poderia deixar de ser assim. O poeta não haveria de viver só de arrebatamentos. É um ser humano, com a sensibilidade aguçada não só para as asperezas como para os encantos da vida. Além das explosões, que são um desabafo contra a injustiça, a maldade, a miséria, os desajustes sociais, ele não escapa à influência de outros fatores, à ternura do lar, aos encantos da natureza, às sugestões do amor, aos apelos do sexo. É o repouso do combatente, quando esquece ansiedades, lutas, dissabores, para sonhar singelamente:

“meu destino é sonhar, mas sempre em vão,  
o navio de vela que me leve  
a qualquer Mar das Índias deste mundo. . .”

Em Jáder de Carvalho, eu vejo esse poeta. Ora arrebatada, emociona e faz vibrar: “Canto de Guerra e Paz”, “Velho Sertão”, “Dobrai, o’ Sino de Natal”, “Árvore”, “Nordeste de Lampião”, “Enterro de Anjo”, “A Seca dos Inhamuns”, “Prece de Natal”. E quantos outros mais? E os poemas de *Terra de Ninguém*? Ora faz rir, a gostosas gargalhadas, ao lançar no palco da nossa imaginação, cercadas de ironia e bom humor, figuras muito populares no interior, como o coronel, o tabelião, o padre, o delegado, o boticário, o barbeiro. E a crítica das célebres volantes e do exagerado modernismo? Mas não falta o verso do poeta terno, amorável, que parece manso regato: “Manhã de Chuva”, “Tarde”, “Veleiro”, “Poeta” e “O Homem Dela”.

A nota dominante da poesia de Jáder é o seu aceso regionalismo. É um aspecto quase sempre ressaltado. Nem por isso, recuso-me a chamá-lo à evidência. Porque, por nutrir-se da seiva da terra e do povo, é que a poesia de Jáder é forte, avassaladora. Sugestiona e encanta, pois fala de coisas nossas, evoca-nos pessoas, paisagens e cotumes da nossa vivência, embalando-nos na rede macia da saudade.

Não raro nem parece poesia. O Jáder não respeita cânones. Deleita-nos na esteira de uma prosa corrida, simples, livre, sem artifícios ou sortilégios da métrica.

Também, nem é de estranhar:

— “Poema, Laura, às vezes nem precisa ter versos.

As vezes, basta um nome. O teu, por exemplo. . .”

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CARVALHO, Jader de — *Água da Fonte*.

Fortaleza, Instituto Histórico do Ceará, 1966. 215 p.

—, — 2a. ed. Fortaleza, Imprensa Universitária. 1975. 137 p.

### 3) A VÉSPERA DO DILÚVIO

Foge ao comum a temática central do romance *A Véspera do Dilúvio*, de Eduardo Campos, editado pela Gráfica Record, do Rio. Não trata de seca. Nem se desenvolve em ambiente tranqüilo e verde, como ocorre em *Aves de Arribação*, de Antônio Sales. Narra histórias do Ceará molhado das enchentes, que são também um flagelo, e registrado com mais frequência do que as estiagens.

Uma vila perdida do interior sofre os rigores de uma inverno como não houvera ainda. Nem a de 24 a ela se igualava. Chuvas torrenciais caíam em uma sucessão de fazer medo. O Jaguaribe tomava água copiosa e começava a inundar. Surgem os primeiros desabrigados.

A pequena localidade enfrenta uma hora difícil. A expectativa é inquietante. O tempo não muda. Mesmo quando não está chovendo, o céu mostra-se fechado. Nuvens pesadas prenunciam o pior.

É nesse círculo, em que imperam a perplexidade e a desolação, onde se desenrola o romance, realçando cada capítulo o drama vivido por diferentes pessoas, naquele ambiente carregado de apreensão.

Eduardo Campos reafirma-se, então, o bom contador de histórias que é. Arma situações que logo despertam a curiosidade pelo seu desfecho. E, quando este chega, nem por isso diminui o interesse do leitor, porque o desdobramento do enredo envolve outros episódios cheios de movimentação, de malícia, que já se anunciam de mistério.

Pelas páginas de *A Véspera do Dilúvio* desfilam, em seqüência urdida com muita propriedade, figuras de procedência e natureza várias. Tal circunstância confere ao complexo do romance um matizado diversificado, que lhe imprime indiscutível vitalidade.

A personalidade do vigário, entre todas, avulta em primeiro plano. Representa um velho sacerdote, de formação à



antiga, sofrendo com a desdita dos seus paroquianos, mas atormentado, sobretudo, por questões de consciência.

Lá permanecera, na vila distante e esquecida, imbuído de idéias religiosas que não conheciam qualquer sopro de renovação. Como abandoná-las, de um momento para outro, mesmo quando ao influxo das deliberações que partiam dos mais categorizados dignitários da Igreja?

Tenho para mim que este é o ponto alto do romance de Eduardo Campos. Focaliza as repercussões do Concílio Ecu-  
mênico no seio de uma comunidade sertaneja, trabalhada por muitos anos de intolerância.

Quantas vezes, na leitura de *A Véspera do Dilúvio*, não me perdi em antigas reminiscências? Lembrava-me de épocas, já um tanto recuadas, em que, menino ainda, fui espectador de acontecimentos que então arrebatavam a alma católica do sertão.

Uma ovelha ruim bota o rebanho a perder. E toda a cidade se levantava contra a presença em seus limites de um isolado pastor protestante que por lá aparecia.

Felizmente, é uma fase que já passou. Ou que ainda está passando, naqueles lugarejos em que as brumas da ignorância não foram de todo dissipadas e até os vigários, como padre Firmino, ficam indecisos e torturados em face da nova realidade.

Mas, de modo geral, sente-se que a maioria respira aliviada, livre do pesadelo das dissensões religiosas, enfocadas por Eduardo Campos neste romance, que fixa um instante de transição, de cuja importância nem sempre nos apercebemos.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CAMPOS, Eduardo. *A Véspera do Dilúvio*. Rio de Janeiro, Record, 1966. 166 p.

#### 4) ESTÓRIAS DE CUNHÁS

Lanço-me à leitura de *As Cunhãs*. E logo me deparo com o estudo preliminar, cujos matizes sociológicos Milton Dias não consegue evitar, apesar do seu confessado propósito e da maneira despretensiosa como discorre.

Não é uma análise profunda, é claro, e já foi dito, através da auto-apresentação do livro, porém, a gente tem a atenção despertada para esta figura humana da criada-de-casa, ou que outro nome tenha, de importância muito grande na família brasileira, mas de quem nem sempre nos lembramos como tal.

Sou homem do interior e por lá me fiquei até mais ou menos 18 anos, quando me abalei para Fortaleza. Pela morada de meus pais passaram não sei quantas moçoilas, brancas, morenas e pretas. Não demoravam muito, porque minha mãe, sempre exigente, demais mesmo, não aturava qualquer deboche, por mais insignificante.

Uma, que se chamava Francisca, constituiu exceção. Chegou meninota e lá se ficou por uns bons 16 ou 17 anos, acompanhando meus pais de ceca e meca: Icó, Cedro, Crato e Várzea Alegre.

Era de cor clara, baixa, frazina, um tanto malcriada e respondona, ainda me recordo, mas minha mãe não fraquejava na sua autoridade, embora demonstrasse incomum afeição a ela. As qualidades positivas eram superiores. Quando alguém indagava à minha mãe se a Francisca era empregada, logo respondia:

— É pessoa de estimação.

Era quem cuidava de mim. Sem exageros, que não me agradam, mas com carinho. A ela me afeiçoei e quis bem. Ao rapazinho que despertava para as conquistas amorosas, não se furtou ao papel do trombone, como se chamava naquela época, a pessoa que fazia alcovitices. Não sem resistência. Temia a madrinha.

Com o meu pai já velho foi de extrema dedicação até a última hora. Melhor direi, até a morte.

Quando virou a cabeça por causa de casamento, abandonou a nossa companhia, no que, aliás, não ficamos imunes de crítica. Muitos anos depois, escreveu-me. Morava em Cajazeiras, na Paraíba. Do matrimônio já tinha filhos. A missiva extraviou-se, lamentavelmente. Perdi o endereço e assim se frustrou um encontro que estimaria imenso se concretizasse.

Como se vê, também tenho estória de cunhã. E se fosse remexer nos guardados da memória, como diria o Milton Dias, outras várias viriam a desembuchar, embora sem a graça, a leveza, as peculiaridades do cronista realizado. Sobretudo, estórias da minha fase como cabeça de um clã numeroso.

Neste período, que já se prolonga por muitos e muitos anos, em que pontifico como pai, minha estima pelas cunhãs ou empregadinhas se tornou maior ainda. Não é pelo motivo que você suspeita, leitor maldoso. É porque ficava enternecido diante dos cuidados com que a maioria delas tratava dos meus pimpolhos, revelando um afeto que cativava e confundia.

Como se integram na família, compartilhando das suas alegrias e das suas tristezas!

Certa vez, lá em casa, houve uma comemoração pelo ingresso na academia do filho varão mais velho. Ninguém excedeu a empregada em manifestações de regozijo. Com dois ou três tragos, e já estava eufórica a gritar:

— Doutor! Doutor! E andavam dizendo que ele não passava! É doutor!

Assim são as cunhãs. As minhas, as suas, leitor, as de Milton Dias, descritas neste livrinho gostoso, lançado pela Editora Comédia Cearense.

Você precisa conhecê-lo. Ou antes: você deve lê-lo, o que fará de uma assentada, para conhecer figuras curiosíssimas, envoltas na rede de tramas bem urdidadas! Lila e Teca e o mal das revistas de crimes e suicídios; a alegre rainha-Pitoca; Marinete e o código de honra das prostitutas; D. Inácia e o gosto pela fanfarronice; Zeza e seu amor a Zé Pitola; o Zé e a Mundoca, na briga por causa de futebol e novela; a incompa-

rável Tita, professora de poucas letras. A Tita, por sinal, lembra um dos maiores dramas do magistério primário na área rural, ministrado, em cerca de 70 por cento, por pessoas sem a indispensável qualificação.

As estórias de Milton Dias são, na maioria, estórias tristes. Porque triste continua a ser o destino das cunhãs. Que leis as beneficiam? Como foram contempladas no rol das conquistas sociais do século? São, salvo exceções, como os caixeiros na época recuada em que surgiu a Fênix Caixeiral: mercedários de servir, para usar a expressão do Barão de Cotegipe.

Recordo-me de que, certo domingo, estávamos, eu e o Albuquerque, de *Unitário*, na esquina de uma rua transversal da Avenida da Liberdade, em Lisboa. Achávamo-nos bem no centro da cidade. Em dado momento aproxima-se uma moça e oferece-nos um jornalzinho. Era o órgão de uma associação que velava pelo bem-estar das empregadas domésticas, preparando-as, orientando-as, de maneira que pudessem desempenhar o seu modesto mister com eficiência e vantagens pessoais.

Em que outra capital europeia encontraríamos coisa igual, senão na cosmopolita e ao mesmo tempo provinciana Lisboa?

Que existe entre nós, que funcione em termos de amparo às cunhãs? Que eu saiba, há uma experiência em marcha nos Centros Maternais. E só.

Mas as cunhãs devem ser vistas com olhos humanos, com consciência social. Não só pelo cronista. Também pelos que delas lançam mão, para os mais diversos afazeres. Na cozinha, na copa, na lavagem e engomado da roupa, na criação dos filhos, mas que não se apercebem do valor do trabalho que desfrutam.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

DIAS, Milton. *As Cunhãs*.

Fortaleza, Comédia Cearense, 1966.

186 p.

## 5) O AMOR E SUAS COMPLICAÇÕES

Um dos fatores do sucesso do Padre Antônio Vieira, como escritor, é a originalidade, senão a extravagância dos assuntos que escolhe para temas dos seus livros.

Tem no seu ativo, como homem de letras, qualidades positivas bastantes, que muito o distinguem e recomendam. Escreve bem, o estilo é leve e agradável, não se perde em vulgaridades, mas também não se afunda em manifestações de academicismo. Conservando um raro equilíbrio entre o trivial e o excêntrico, sabe vestir as suas criações literárias com a roupagem própria, cheia de sutilezas, sugestões e atrativos.

Mas o escritor só se descobre lendo. Deve haver o elemento exterior de convencimento, de fácil percepção, que se avista de longe. É o título. Um bom título — o que não é tão simples como muitos supõem — é de um efeito extraordinário. E quando sintetiza, como no caso do Padre Vieira, temas originais ou controvertidos, levando-se em conta, sobretudo, a pessoa do escritor, que é um sacerdote, então o êxito é certo, indiscutível.

Veja-se, por exemplo, o primeiro livro do reverendo, reunindo apreciadas crônicas sobre uma diversidade de coisas. *Cem Cortes Sem Recortes* foi adquirido por senhoras supondo tratar-se de estudos sobre costuras... Que novidades não encerraria?...

Veio o segundo: *O Jumento, Nosso Irmão*. O jericó não é animal antipático. Pelo contrário, desperta sempre muitas simpatias, porque é prestativo, lerdo mas incansável, econômico e raramente deixa de ser manso. Além do mais, um aspecto que fala à alma católica: foi um dos instrumentos de que se serviu a Providência para a fuga da Sagrada Família com destino ao Egito. Mesmo assim, não escapa a estranheza: o padre tem tanto o que fazer, no desempenho do seu apostolado, e há tanta coisa sobre o que versar, de interesse para a comunhão humana, por que a preferência pelo jumento? A

curiosidade se nos aguça. E daí para a compra de um exemplar, é um passo apenas.

Com *O Verbo Amar e Suas Complicações*, o Padre Antônio Vieira provocou um espanto fora do comum. Então um sacerdote sai dos seus cuidados para ocupar-se do amor, com suas esquisitices, tramas e diabruras? Que sabe ele a respeito?

Porque a impressão do leigo, falando em termos gerais, é a de que, para dissertar sobre o amor, só quem o conhece, quem vive a experiência. E qual o amor do padre? Ou, expressando-me atento à realidade (sem alusão): qual devia ser o amor do padre? A Igreja e o seu ministério.

O escritor previa as indagações maldosas, impertinentes, ditas à boca pequena. E, por isso, logo nas primeiras páginas, explica-se:

“Reconheço que entro numa seara sem título de posseiro. Não importa. Sou apenas um viajante que não deseja outra estabilidade nessa região que a da hospitalidade.

A pedra que afia a faca não sabe cortar. Nem se exige do afinador de piano que ele conheça as filigranas de uma partitura musical. Uma cousa é a experiência pessoal do assunto, e outra muito diferente é o conhecimento intuitivo e crítico. O médico parteiro jamais fez experiência pessoal do que seria a tramitação cirúrgica do parto. São admiráveis as descrições da natureza feitas por Milton, que era cego. Beethoven nunca teve a felicidade de ouvir as suas sinfonias, pois era surdo como uma parede.

Diante do exposto, tenho autoridade para falar sobre o Amor, porque conheço os que amam, e tenho, através das minhas funções de médico das almas, penetrado bem fundo na alma dos conjugadores do verbo.”

Gosto do que está dito acima. Mas não consigo conciliar tal concepção com o que o escritor assinalou em outro trecho de seu livro:

“Amor não é para ser definido. É para ser provado. Amor é como empada de camarão e outros pratos gostosos. A gente não sabe fazê-los mas sabe gostar deles e apreciá-los com requintado apetite. Realmente é melhor ter o amor do que saber o que é o amor, diz aqui ao meu lado o compadre Serafim, velho acreditado em experiência da vida e dessas cousas também.”

Não reclamo explicações. O autor, em outras oportunidades, já afirmou que não se preocupa em ser coerente, pois a existência é tecida de contradições. Agora, quanto a mim, estou na ordem de idéias por último enunciada: amor é para ser provado...

E tenho vontade de dar um viva ao compadre Serafim, como aquele de Ataulfo Alves em diálogo com Dom João de Orleans e Bragança. O príncipe herdeiro presuntivo do trono no Brasil exaltava Dom João VI e Pedro I, sem esquecer as fraquezas de ambos:

— Um gostava de frangos, outro gostava de mulheres.

O sambista Ataulfo não titubeou:

— Mas viva Dom Pedro I! Ele é que estava certo. Que homem fabuloso!

Por tudo não tentem fazer inferno em torno desta minha declaração. Já estou farto das encrencas que *O Verbo Amar* me pespegou. O padre, não sei lá com que intenções, botou na dedicatória do livro: “Ao meu prezado amigo, que sempre conjugou o verbo amar sem complicações, a estima do Antônio Vieira ” Entendi, nesta minha santa e já proclamada ingenuidade, que o escritor se referia ao homem bem casado. O exemplar anda de mão em mão lá em casa, os meninos achando curioso que sacerdote se ocupasse do amor terreno. Eles se recordavam de uma história contada e repetida pela avó. Do púlpito, o orador sacro ia proferir o panegírico de São Benedito, no dia que lhe é consagrado. E começa, dramático:

— Benedito foi um ladrão.

*Suspense* na assistência. Como é que podia: ladrão e santo ao mesmo tempo? E acrescenta o orador, depois de alguns segundos:

— Um ladrão do Amor Divino.

Para os meninos, amor, no tocante a padre, tinha que ser assim, como o de São Benedito.

Em dado momento, uma das minhas moças pede a palavra e grita:

— Eita, mamãe! A senhora já viu o oferecimento do livro? O padre está a proclamar que o papai sabe conjugar o verbo amar, e sem complicações...

Foi só a conta. Começaram logo os desabafos, as recriações. Que eu era um sonso. Quem vê cara não vê coração. E outras coisinhas mais. O incidente não teve maiores consequências, porque quem não deve não teme... Mas, conservei-me de cara amarrada para o livro.

Quando do seu lançamento, na Praça do Ferreira, fiquei de peito lavado. Gostei imenso das palavras finais de Rogaciano Leite. Não era que o discurso, no seu todo, tivesse me desagradado. Rogaciano, como orador, era melhor do que como jornalista, aproximando-se do poeta, porque levava para a tribuna a inspiração que o guia pelos caminhos da musa.

Pois bem: enfatizou Rogaciano que esse negócio de falar sobre as complicações do verbo amar não era o que esperava; como evitar as complicações, isto sim, eis o que importava.

Bati palmas, estava vingado.

A leitura posterior do livro revelou-me que a restrição não cabia.

*O Verbo Amar e Suas Complicações* está dividido em sete capítulos: I — O Amor; II — O Namoro; III — A Mulher; IV — Casamento; V — O Lar; VI — Idades; VII — Outros Amores. Cada um desses capítulos compreende vários títulos.



Ao contrário do que supunha, o livro não se ocupa apenas das atribulações que acompanham o amor. Oferece, por igual, a sua contribuição para evitar ou atenuar ao mínimo os dissabores tão frequentes e que conduzem a desentendimentos irremediáveis. Nele, o namorado, o noivo, o casado e os solteirões impenitentes têm o que aprender. Em linguagem gostosa, convidativa, despida de acacianismos, mas cheia de sabedoria e amoráveis vibrações. O padre tem algo da filosofia oriental.

E não é só. Há páginas dignas das melhores antologias. "Saudade", "O Amor, Esse desconhecido", "Palavras a Uns Noivos" e outras mais envolvem-nos com o halo de um encantador enternecimento, que não se esquece, porque se fixa na retina, na memória e no coração.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- VIEIRA, Pe. Antônio. **O verbo amar e suas complicações.**  
Rio de Janeiro, Record, 1966.  
188 p.
- , — 2. ed. rev. melh. 1967.